

TRATAMENTO MUSICAL DE ALGUNS TEXTOS LITÚRGICOS

Odilon Nogueira de MATOS

Entre os textos litúrgicos adotados pela Igreja Católica para os seus ofícios religiosos, tanto para as matinas como para as Vésperas, alguns existem que, há séculos vêm merecendo a atenção de pesquisadores das mais variadas nacionalidades, escolas e tendências, refletindo em suas obras, a importância dos temas religiosos como fonte de inspiração musical. Estão neste caso os textos destinados aos ofícios de “Véspera”, extraídos dos salmos 110, 111, 112, 113, e 117 e São Lucas e que se tornou universalmente conhecido por *Magnificat*.

Convém lembrar, de início, que o Cristianismo, mais do que qualquer outra religião valorizou a música como instrumento de culto. Através dos séculos, ora com maior ou com menor intensidade, sempre foi seguida, pelas diversas confissões cristãs, a recomendação apostólica que se encontra na carta de São Paulo aos cristãos de Éfeso: “Enchei-vos do Espírito Santo, falando entre vós mesmos em salmos e hinos e em cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor”. As próprias querelas que, durante séculos, agitaram as igrejas cristãs quanto ao interesse religioso da música confirmam essa preocupação do Cristianismo. Querelas musicais que conduziram muitas vezes a medidas extremas, como a do Concílio de Trento expurgando a Igreja de quase toda a música então utilizada, salvando-se desse expurgo apenas a figura grandiosa de Palestina. Outras vezes, sem chegar a tais medidas extremas, fizeram com que muitas confissões protestantes relutassem em utilizar outros cânticos além dos salmos (só estes seriam “inspirados”) ou que a Igreja Ortodoxa só muito tardiamente aceitasse as composições de um *Arcanhgelsky*, considerado hoje o maior compositor desse ramo de Cristianismo.

Surge aqui, pois logo de início, um primeiro problema com relação à música religiosa: a distinção entre os “salmos” e os “hinos”. Esta última denominação aplicou-se aos cânticos não bíblicos, com textos em verso e nos quais o elemento musical tinha um papel mais importante que há salmodia. Acredita-se que, a princípio, tais hinos não eram propriamente destinados ao culto oficial, mas às reuniões particulares, para a edificação dos fiéis, porém realizadas fora dos templos. Os mais antigos hinos cristãos que chegaram até nós são atribuídos a Clemente de Alexandria. Todavia foi com Ambrósio, o santo bispo de Milão, também a de Roma desenvolveu grande atividade nos domínios da música eclesiástica. Assim, Silvestre fundou na Cidade Eterna a “Schola Cantorum” e os papas Dâmaso e Celestino contribuíram para a introdução de novos cânticos. Não se pode saber, contudo, com exatidão, quando foi fixado o “*proprium missae*”: sabe-se, entretanto, que nos séculos V e VI diversos papas ocuparam-se com a parte musical da liturgia, sendo todos estes ensaios e tentativas coordenados por aquele que deu o seu nome ao canto católico - Gregório. A este grande papa coube, entre outras coisas, regular definitivamente a ordem da missa e dos demais ofícios religiosos, bem como reorganizar a “Schola” de seu antepassado Silvestre.

O ofício de “Vésperas” data, pois, como os demais do culto católico, dos tempos de Gregório. Como vimos, seus textos são extraídos de cinco salmos e do capítulo primeiro do Evangelho de São Lucas. Os salmos são conhecidos pelas suas primeiras palavras: “Dixit” (110), “Confitebor” (111), “Beatus Vir” (112), “Laudate Pueri” (113) e “Laudate Dominum” (117). Estes salmos de David figuram entre as mais belas páginas do Velho Testamento e se a Igreja Católica os adotou nessa ordem para o ofício das vésperas foi justamente porque exprimem os sentimentos mais íntimos de devoção, de piedade, de regozijo, de louvor, que estavam na alma do grande rei-poeta e que devem, também, segundo deseja a religião, estar presentes no coração de todos os que crêem no Senhor. A hora em que devem ser cantados é a mais propícia à comunhão com Deus. Para outros ofícios destinados a outras horas do dia, não teriam eles a mesma significação. Aliás, neste particular, a liturgia católica foi sempre muito feliz, aproveitando com real senso de oportunidade, os momentos psicologicamente mais adequados ao culto. Para completar a beleza do ofício, lembremos que essa liturgia é encerrada com o grandioso cântico da Virgem, o sublime “Magnificat”, que constitui uma das páginas mais sublimes e de maior beleza do Novo Testamento.

Compreende-se, assim, que compositores das mais variadas nacionalidades, escolas e tendências tenham se inspirado nesses textos e alguns em todos eles, realizando obras cíclicas, outros apenas em algumas partes do ofício. Alguns exemplos colhidos no repertório imenso da música religiosa: o Salmo 110, “Dixit”, inspirou a Vivaldi e a Mozart; o 112, “Beatus Vir”, a Monteverdi e a Vivaldi; o 117, “Laudate Dominus”, a Monteverdi, Mozart e Verdi; o “Magnificat” a Monteverdi, Bach, Buxtehude, Palestrina e Pergolesi.

Mozart foi o único dos grandes compositores que se interessou em musicar todo o ofício das “Vésperas”, fazendo-o em duas obras que podem ser consideradas entre as mais belas deixadas pelo gênio de Salzburgo - a “Vespera de Dominica” e a “Vesperae Solemnes de Confessore”, registradas, respectivamente, sob os números 321 e 339 no Catálogo de Koechel.

Devemos salientar que os trabalhos de Mozart como músico de igreja são tão importantes como suas obras nos domínios da ópera, da sinfonia e da música de câmara, as quais trazem a marca de um gênio extraordinário. Considerando o fato que seus serviços como pianista, compositor e regente eram constantemente solicitados, é um verdadeiro milagre que esse homem excepcional tenha sido capaz de produzir nada menos que 60 composições religiosas (algumas de grandes proporções) incluindo missas, kyries, motetes, salmos, vésperas, ofertórios, litânias e outras. Grande parte dessa produção foi escrita para Salzburgo, onde exerceu por algum tempo o cargo de “*Kapellmeister*” da corte arquiepiscopal. Entre elas, as duas “Vésperas”, escritas em 1779 e 1780. Mozart sentiu muito bem as dificuldades que um compositor deveria ter para musicar todos os textos das “Vésperas”, tendo em vista, principalmente a duração do ofício. Tais dificuldades, ao lado de outras derivadas da própria situação em que se encontrava obrigado, em geral, a escrever música por encomenda e a conciliar sua inspiração com o gosto nem sempre muito apurado da Sé de Salzburgo, são expostas na correspondência com o seu mentor, o Abate Martini, a quem Mozart deveu grande parte de sua formação musical.

Na “Véspera De Dominica” (K 321) Mozart usa, ao lado do coro para quatro vozes e solistas, orquestra de cordas. Para as partes extremas - “Dixit” e “Magnificat” - são acrescentados instrumentos de sopro e de percussão. O primeiro salmo é apresentado de maneira heróica; sem o

desenvolvimento temático contínuo, alguns motivos são, entretanto, mantidos e dão efeitos de forma variada. O segundo é uma composição extremamente bela e madura, cheia de fervor sentimental, bem como de simplicidade e pureza de forma, podendo ser considerada, sem exagero, uma das mais impressionantes do que a peça precedente no que se refere à força musical; com grande habilidade, Mozart. O terceiro é de caráter diferente e não menos impressionantes do que a peça precedente no que se refere à força musical; com grande habilidade, Mozart consegue um efeito radiante, simbolizando a justiça e o temor de Deus. O quarto é em estio polifônico, que Mozart adotou nas duas “Vésperas” com real maestria e sem exagero contrapontístico. O quinto é um solo de soprano com acompanhamento de órgão; possui um caráter alegre, de acordo, aliás, com o próprio espírito do salmista quando exclama: “Louvai ao Senhor todas as nações, louvai-o todos os povos, porque a sua benignidade é grande para conosco e a sua verdade permanece para sempre”. O “Magnificat” é uma digna conclusão para tão brilhante peça.

Na outra “Véspera” (K 339) Mozart também emprega o coro a quatro vozes, com quarteto vocal e orquestra, incluindo pistões, trombones, tímpanos e órgão. Exceto o famoso “Laudate Dominum”, com seu solo de soprano, o tratamento das vozes solistas é em geral no estilo *concertato*, função idêntica a dos solistas no “concerto grosso”. A nota festiva e solene é dada pelo salmo 110; o salmo 111 é tratado de maneira dinâmica; uma leve nota é sentida nas partes iniciais do 112, mas por fim a expressão musical torna-se mais grave e solene. O salmo 113 toma a forma de uma fuga. Vem, então, o “Laudate Dominum”, que é a parte mais conhecida desta peça habitualmente cantada, isoladamente, nos concertos. O “Magnificat” final é eloqüente e poderoso e, como tal no 321, constitui digna conclusão de tão inspirada obra.

Embora inspiradas nos mesmos textos, as duas “Vésperas” são fundamentalmente diferentes, no espírito, na essência e na forma. Dir-se-ia escritas a longa distância, uma da outra, tão diverso é o tratamento musical que o mestre deu aos textos. Qual delas é superior, é um problema que deverá depender do gosto pessoal de cada um. Ambas são de uma beleza comovedora, frutos de mais lídima inspiração religiosa e da mais profunda compenetração do poder miraculoso da fé cristã. Nossa predileção pela primeira delas (K321) é apenas uma questão de gosto pessoal que não temos o direito de impor a ninguém. Ouça o leitor as duas grandes obras (acessíveis em excelentes gravações) e tire, por si, as conclusões.